



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

TERREIROS DE CANDOMBLÉ INTERCÂMBIO CULTURAL BRASIL-NIGÉRIA

SOANE BARBOSA PEREIRA MENEZES¹

Resumo: A história da cultura yorubá afro-brasileira declara muito de nossas crenças e também de nossos preconceitos, distinguidas nas divisões de raça, desigualdades sociais e econômicas. Sobretudo, tira o véu da mistura entre raças, etnias e grupos sociais que deram forma a uma cultura de incorporações da resistência. Trazidos pela diáspora forçada por uma designada escravidão nas Américas, a cultura yorubá e suas crenças de origem africana fincaram raízes na nova terra. Aqui foram reformuladas, a partir do encontro das diferentes “nações” negras que misturaram em diversos cantos do país suas divindades, lendas e rituais como: batuque do Sul, tambor do Norte, Xangô em alguns estados do Nordeste, candomblé em outros mais. Ao rever a construção dessa tradição, vemos a perseguição ainda no século XVII, a fama de curandeiros derrubando barreiras sociais na capital do Império. Evidenciar as contribuições dos terreiros no processo de resistência da cultura yorubá: os intercâmbios culturais, religiosos entre Brasil e Nigéria, no sentido de sondar o processo de interculturalidade em Salvador desde a implementação da nova cultura e o que ainda resta na sociedade atual. A cultura yorubá: os intercâmbios culturais e religiosos entre Brasil e Nigéria, no sentido de sondar o processo de interculturalidade na Bahia desde a implantação da nova cultura e o que ainda resta na sociedade atual.

Palavras-chave: arquitetura; urbanismo; terreiro e intercâmbio cultural.

1. HISTÓRICO DA IDENTIDADE CULTURAL

Relatórios produzidos por peritos internacionais, que encontram eco em campanhas de mídia bem orquestradas, sempre apontam causas e soluções para o problema africano, dizendo que para tal estado de coisa concorrem vários fatores que tem sua origem em guerras internas, resultantes de conflitos étnicos, religiosos e do espectro maior que é a pobreza (fatores que, todos nós sabemos, não são exclusividade do continente africano) ou, numa só palavra, da incapacidade dos africanos de, por si sós, conseguirem trilhar o caminho do desenvolvimento. De acordo com PANTOJA, 2001:

[...] a África pós-colonial estar institucionalmente desajustada em relação às suas próprias dinâmicas sociais e que tal desajustamento é perceptível sempre que procuramos interpretar a realidade africana à luz da lógica subjacente ao delo do Estado ocidental moderno. (PANTOJA, 2001)

[...] tarefa que se impõem é a de encontrar meios institucionais capazes de tirar

¹ Soane Barbosa Pereira Menezes/ Arquiteta Urbanista pela Universidade Federal da Bahia/ Técnica de Projetos, Obras e Restauro – DIPRO - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural - IPAC/BA/ Aluna Especial do Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/ email: soanebarbosa@gmail.com.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

partido da pluralidade que caracteriza as sociedades africanas e descobrir formas de viabilizar a utilização dos poderes tradicionais, como agências de representatividade política. (PANTOJA, 2001)

Parece que estamos perante opções extremas e fechadas que retira a possibilidade de se levarem em conta as matrizes africanas formadas em condições históricas muito específicas, tornando a historicidade dessas sociedades uma chave insubstituível das dinâmicas que caracterizam o continente. (PANTOJA, 2001)

O desafio é diminuir a pobreza, a fome e a crescente desigualdade, que há muito deixaram de serem questões meramente locais, mas cujo combate exige cada vez mais plataformas em que os valores inerentes às sociedades africanas se combinem com as propostas vindas dos modelos que a modernidade nos coloca a disposição. Num momento em que os sistemas democráticos, em todo mundo, tem sido revisitados e questionados quanto ao seu alcance, não devem os países africanos abrir mão da possibilidade de corrigir erros logo de partida, evitando que as estatísticas internacionais se alimentem das suas desgraças.

As comunidades remanescentes de quilombos (também chamadas quilombos contemporâneos) podem ser conceituadas como comunidades rurais habitadas por descendentes de escravos que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, da cultura de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os negros dessas comunidades valorizam as tradições culturais, religiosas ou não, dos antepassados, reinventando-as no presente. Tem uma historia comum e normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade étnica.

Ocupam suas terras desde antes da abolição da escravatura, pois, a partir do século XVI os africanos escravizados começaram a organizar-se em quilombos para fugir dos maus infligidos nas fazendas de gado, nas plantações de cana-de-açúcar e de café, nas minas e ainda nas casas-grandes, onde faziam trabalhos domésticos. O século XXI deveria iniciar-se sem que os descendentes desses africanos ainda estivessem sofrendo as consequências históricas da escravatura. Esses brasileiros desejam sua inserção na sociedade, exigindo respeito à diferença. São muitas vezes ameaçados,



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

mesmo por pessoas que se propõem a “ajudar” quando impõem seus projetos de desenvolvimento sem consultar as necessidades dos habitantes locais.

Terra, no Brasil, sempre foi um campo de conflitos e lutas entre Estados, latifundiários, pequenos proprietários e camponeses. A Lei de Terras, de 1850, determinava a regulamentação das sesmarias pelo Estado bem como a desapropriação das terras improdutivas. Defendia uma política de vendas de terras para subsidiar a imigração estrangeira e proibia novas doações.

[...] a ‘rebeldia’ baiana é tema amplamente discutido, a pasmaceira pernambucana ainda não parece ter sido suficientemente explicada. Isto acontece, muito provavelmente, porque há uma tendência na historiografia de se valorizar a realidade escrava (o que é natural, pois se procura lutar contra antigas concepções segundo as quais os cativos eram passivos, objetos, coisas manipuláveis) em detrimento da acomodação e das práticas e concepções de controle social, que pouco merecem explicações ou hipóteses bem construídas. (BARCELAR, 1999)

A composição étnica dos cativeiros baianos e pernambucanos entre os séculos XVIII e XIX, por um lado, e, por outro, as experiências históricas de uma e outra capitania (as quais inscreviam limites e possibilidades de articulação entre cativos, libertos e negros livres, cerceando ou ampliando a movimentação e/ou as representações mentais das identidades étnicas e sociais) constituem panos de fundo imprescindíveis para a explicação dessas diferenças. É através da análise destes aspectos que se pode entender tanto a pax baiana como as turbulências populares baianas, posteriores a 1808. (BARCELAR, 1999)

Sabe-se atualmente de iniciativas do Ministério da Educação no sentido de acelerar os processos de solicitação de verbas dos Municípios onde existem quilombos e ainda de publicação de livros, a serem usados em suas escolas, com conteúdo referente à sua própria história. O MEC tem proporcionado cursos de capacitação de professores nos Municípios onde existem áreas de comunidades negras rurais.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação.

Portanto, está lançado o desafio! Novo milênio, nova postura em relação a história e à identidade.

O Brasil só perde para a Nigéria em termos de possuir a maior população negra do planeta. Apesar do fato de que há atualmente cerca de setenta milhões de afro-brasileiros, no mínimo 44% do número total de habitantes, esses autores têm representação restrita nas instituições políticas e educacionais do país. Na mídia, os negros ainda são retratados segundo estereótipos preconceituosos, apesar dos avanços recentes projetados pelas publicações dispostas a rebater a discriminação mediante a proposição de imagens afirmativas das populações de imagens afirmativas das populações negras.

Esse fato aponta para a complexidade do retrato multirracial brasileiro. A imagem do caldeirão (em que todas as raças estariam misturadas de modo a formar uma nova) é eliminada pelas tensões resultantes de uma noção em busca de suas múltiplas imagens étnicas e culturais. É importante enfatizar a ideia do Brasil como uma nova nação que está à procura de suas múltiplas imagens como uma forma de discutir de que maneira os aspectos multiculturais ou multirraciais podem contribuir para a formação de uma identidade baseada na coexistência de diversos grupos raciais.

A existência de uma ordem ideológica foi importante em termos da organização de força militar e do intercâmbio dos quilombos com as populações vizinhas. A concepção e a manutenção do ideal de liberdade era a base para outros aspectos de funcionamento dos quilombos, tais como fazer retiradas estratégicas, atrair pessoas com objetivos semelhantes e escolher lugares de moradia para o grupo. Os quilombos eram espaços privilegiados de um ideal de liberdade através dos quais os escravos preservavam sua dignidade humana, inseriam-se em uma memória sócio-cultural e



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

articulavam forças para desafiar o sistema que os oprimia. Internamente ao ideal de liberdade havia um projeto de resistência que teve repercussão na forma de insurreições e levantes de escravos em várias regiões do país.

A disseminação da ideologia da 'democracia racial' revela, antes de mais nada, os esforços das elites para ampliar sua influência e a sua exclusão de outros segmentos da sociedade brasileira. (PEREIRA, 2001)

É evidente a amplitude desse argumento, na medida em que analisa os meandros de uma sociedade na qual mover-se para além da miséria (das classes sociais menos favorecidas para as mais favorecidas) supõe a relativização da discriminação racial. (PEREIRA, 2001)

O processo de exclusão no Brasil, além do aspecto étnico, se desdobra através da criação de novos alvos de discriminação baseados em diferenças regionais. (PEREIRA, 2001)

A existência de uma ordem ideológica foi importante em termos de organização da força militar e do intercâmbio dos quilombos com as populações vizinhas. (PEREIRA, 2001)

A análise das interações e conflitos em uma sociedade multicultural como o Brasil requer grande dose de precaução. De um lado, a diversidade de interesses no trabalho, tanto quanto as possibilidades de suas combinações ou confrontações, tornam preferível evitar afirmações absolutas ou, por outro lado, conclusões extremamente revitalizadas. A respeito das questões étnicas no Brasil, considerando, sobretudo, que nesses tempos de globalização crescente é importante refletir sobre as realidades internas dos grupos e suas inter-relações com as outras sociedades.

Foi pelas águas do oceano Atlântico que, a partir do século XV, os portugueses estabeleceram o comércio de escravo. No início do século XVI, este tráfico se voltou



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

para o continente americano, incluindo o Brasil. Por conta dessa imigração forçada, o Brasil ganhou uma herança cultural incalculável.

A herança africana está presente no dia-a-dia, tanto na comida, nos costumes, quanto na dança, na música e na arte. O tráfico de escravos é considerado um dos maiores processos de genocídios da humanidade. De acordo com pesquisadores, entre os séculos XVI e XIX, chegaram ao continente cerca de 11 milhões de africanos. Estima-se que 40% dessa diáspora vieram para o Brasil.

Salvador é a cidade com maior número de afrodescendentes do país. Na capital baiana, desembarcaram tribos de origem Banto, do Congo e do Golfo de Benin. Os negros que desembarcaram no Brasil foram responsáveis pela formação econômica do país. Foram quase 400 anos de escravidão que proporcionaram o desenvolvimento econômico do país, nos ciclos do açúcar, do ouro, do café etc. Técnicas agrícolas foram desenvolvidas e aprimoradas pelos africanos.

Apesar da expressiva influência africana, também é possível distinguir nas obras afro-brasileiras traços das crenças indígenas, do espiritismo, sobretudo do catolicismo. (PEREIRA, 2001)

Essas peças são oriundas de São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Pernambuco, sendo que suas principais influências vêm das culturas Yorubá (Nigéria, Benin) e Banto (Congo e Angola), que impregnaram profundamente as comunidades negras desses Estados.

As trocas estabelecidas entre matrizes culturais diversas e suas ressignificações resultaram em uma peculiar linguagem da servidão entre nós, cujo fundamento jamais poderia radicar no binômio leniência/crueldade-óbvia, não existe cativo de qualidade superior, a não ser em restritos círculos de sadomasoquistas.

A capital baiana guarda tradições africanas que não existem mais no continente



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

africano. Mesmo assim, a África ainda é desconhecida pela maioria dos brasileiros que, de acordo com alguns teóricos, sofrem de “amnésia cultural”.

Do ponto de vista analítico, perdeu-se muito quando se ignorou o ser "africano" uma cruel invenção do cativo, já que aqueles por séculos a fio desembarcaram nos portos coloniais eram, antes que nada, desembarcando nos portos brasileiros, cabindas, minas, quiloas, rebolos, cassanjes, moçambiques, reis, rainhas, príncipes e princesas, sujeitos ao cativo, que assim como objetos e terras, eram também propriedades privadas, compradas, vendidas, trocadas, jogadas fora, mortas e enterradas, experiências que nada indicam haver fenecido sob a rubrica jurídica de "escravo".

Assim sendo, a grande lacuna da historiografia brasileira deriva de tomar o escravo africano unicamente a partir de seu desembarque nos portos brasileiros, procedimento que tem ensejado a apresentação de soluções algo artificiais a intrincados problemas de nossa história especialmente, os relativos à nossa identidade.

2. CONSERVAÇÃO DA CULTURA YORUBÀ NOS TERREIROS DA BAHIA

3.

Os Nagôs trouxeram para o Brasil suas tradições e costumes, sua estrutura hierárquica, no plano secular e religioso, seus conceitos filosóficos e estéticos, sua linguagem, música, literatura oral, mitologia e, principalmente sua religião. Os Ilê Orishà e Niarà Orishà (templos e santuários dos orixás) continuam a ser zelosamente preservados, bem como o Asheshè (rito funerário) elaborados, por meio dos quais se cultuam os ancestrais familiares e as grandes personalidades que fundaram os mais antigos terreiros na Bahia. Esses ancestrais, cultuados no território yorubà (regiões do sudeste da Nigéria e sudeste do Benin) igualmente venerados no Brasil, representam linhagens familiares, dinastias, protetores de determinadas cidades e regiões africanas, com funções especiais, diferentes aspectos entre a vida e a morte.

As preservações do culto aos ancestrais, na Bahia, ocorrem nos bem organizados



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

terreiros ou roça (como são conhecidos perante o grande público), certifica a origem geográfica e cultural de algumas “nações” que se fizeram representar neste estado. Recorrendo à tradição oral alguns autores historicam a origem de vários terreiros, fundados por africanos na Bahia, cuja existência situou-se aproximadamente entre 1820 a 1935. Essas comunidades religiosas são lideradas por um corpo sacerdotal, que herdaram a liturgia, a doutrina, o conhecimento dos mistérios e segredos do culto, além dos ancestrais, venerados nos antigos terreiros e, que com o passar do tempo os diversos líderes fundadores foram mortos na Bahia e que em vida foram considerados suficientemente eminentes para merecer a honra de serem imortais da cultura Nagô. A metafísica do candomblé conserva os quadros de pensamentos africanos, com um sistema de classificação que contém quatro grandes compartimentos, correspondendo aos quatro elementos tradicionais da natureza: Água, Ar, Fogo e Terra. A lógica do candomblé se define pelo princípio de ruptura e o princípio de corte, que divide o universo Nagô em compartimentos estanques: Trovão (Ar) e Mar (Água), que são distintos, mas se completam, comprovando o princípio de ruptura e seu funcionamento, entre diversos objetos colocados no interior de cada um desses domínios do cosmo, logo estes dois princípios unidos ao princípio de correspondências, estabelece um sistema de analogias horizontais entre os objetos que se situam em compartimentos diferentes porém num mesmo estrato oral, no nível sobrenatural, como por exemplo: entre o Reino de Ketu, um Reino Jeje e o Vaticano.

Ao contrário do pensamento ocidental, que tende para o raciocínio indutivo, subordinado aos fatos, a conceitos cada vez mais gerais, a lógica do pensamento Nagô tenderia para o raciocínio por analogia, no qual os comportamentos justamente poderiam não, mas se encaixar uns nos outros. São vários os tipos de associação mental que caracterizam o pensamento da cultura yorubá e explicam o simbolismo dos elementos da natureza utilizados no candomblé nas sociedades agrícolas da África ocidental, com efeito, a produção depende fundamentalmente da energia humana, isto é, do número de braços, ou melhor, justificado com o número de filhos, e não com impulsão do processo tecnológico (método mais utilizado atualmente, devido à evolução humana), muito simples, nem da extensão das terras cultivadas



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

que precisamente só é limitada pela capacidade humana do trabalho, ressaltando a importância da troca de energia entre o homem e a natureza, para que haja diretamente a interferência na relação do natural com o sobrenatural. Nos terreiros de Salvador usa-se a linguagem yorubá e seus diversos dialetos (variados pela separação dos africanos no processo escravagista) que registram o processo da interculturalidade, diagnosticas no relacionamento de várias etimologias, com os significados que os mesmos conservam, na semântica dos sistemas de parentesco sociobiológicos dos yorubás para o sistema da família socioreligiosa que é um grupo de candomblé. Parece certo que o princípio de senioridade, com as expectativas de comportamento que se espera atingir e o controle que se estabelece nos estados do grupo, é um elemento importante para o equilíbrio e na hegemonia da organização dos terreiros. Os Estados Europeus encontraram um forte e paralelo sentido de identidade coletiva nas sociedades da África ocidental. Essa identidade baseou-se, sobretudo, na afiliação por parentesco e certas chefias normalmente organizadas em volta de instituições monárquicas. Por outra parte, a identidade coletiva das sociedades da África ocidental foi multidimensional e esteve articulada em diversos níveis (étnicos, religiosos, territoriais, linguísticos, políticos...). Em primeiro lugar, a identidade de grupo decorreu dos vínculos de parentescos das corporações familiares que reconheciam uma ancestralidade comum, nesse nível, a atividade religiosa relacionada com o culto de determinados ancestrais ou outras entidades espirituais, como vínculo por excelência da identidade étnica ou comunitária. A cidade ou território de moradia e o idioma também eram fatores importantes e denominação da identidade. Na África existe um sistema geral de nomeação pelo qual as cidades compartilham o mesmo nome com seus habitantes (a exemplo Bento de Benin). Finalmente, alianças políticas e dependências tributárias de certas monarquias também configuraram novas e mais abrangentes identidades nacionais. Essa diversidade de identidades coletivas estava sujeita a transformações históricas, devido a diversos fatores, tais como alianças matrimoniais, guerras, migrações, agregação de linhagens escravas, apropriação de cultos religiosos estrangeiros ou mudanças das vertentes políticas.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Em muitos casos, as denominações de certos grupos yorubàs eram criadas por povos vizinhos (interferência “livremente aceita” característica da dependência externa) ou por poderes externos, sendo subseqüentes apropriadas pelos membros dos grupos assim designados. Vale ressaltar a imposição dessas denominações externas, muitas vezes uma pluralidade dos grupos originalmente heterogêneos. É nessa perspectiva que devemos entender a estruturação de uma série de “nações/reinos” (termo que foi utilizado nos séculos XVII e XVIII, pelos traficantes de escravos, missionários e oficiais administrativos das feitorias européias da Costa da Mina, para designar diversos grupos populacionais autóctones) da África, já no contexto colonial brasileiro, cabe-se notar o uso de alguns nomes como Gêntio da Guiné, permitindo a criação e/ou surgimento de outros a exemplo: Crioulos, Pereira, devido à falta de informação das regiões onde se encontravam passam a fazer uso dos nomes das plantas que conheciam a essência e o poder que essas poderiam favorecer as suas vidas escritas no Odù Laysè (possíveis linhas do destino tirando o véu dos seus direitos e deveres missionários no universo).

“Em Recife, 1647, na época da Guerra contra os holandeses, Henrique Dias, chefe do regimento dos homens pretos (negros), escreve uma carta em que menciona: ‘de quatro nações se compõe esse regimento: Minas, Ardas, Angolas e Crioulos’ a menção aos Crioulos (descendentes africanos nascidos no Brasil)” como uma nação, já sugere que no século XVII esse conceito de “nome/nação” não respondia a critérios políticos ou étnicos prevaletentes na África, mas a distinções elaboradas pelas classes dominantes na colônia em função dos interesses escravistas. A lógica dessa generalização da inter-culturalidade reside no fato de que esse povo compartilhem uma série de componentes culturais, como idioma, hábitos e costumes. Com o tempo, esse grupo de povos de fala yorubà passou a assimilar a denominação externa imposta pelos daomeanos e, uma vez desprendida do seu sentido derogatório inicial, a utilizá-la como autodeterminação. Por sua vez, os traficantes europeus apropriaram-se do uso local que os daomeanos faziam do termo Nagô, e esse foi assim transferido ao Brasil, preservando a dimensão genérica e inclusiva estabelecida pelos daomeanos. Cabe notar que as denominações meta-étnica (externas), impostas aos



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

grupos relativamente heterogêneos, podem com o tempo, transformar-se em denominações étnicas (internas), quando apropriadas por esses grupos e utilizadas como forma de auto identificação. O contexto de denominação meta-étnica é útil apenas para descrever o processo pelo qual as novas identidades coletivas são geradas a partir da inclusão, sob uma denominação de caráter abrangente, de identidades inicialmente discretas e diferenciadas. Fazendo uso dessa terminologia, é possível afirmar que os traficantes e senhores brasileiros no período colonial foram responsáveis pela elaboração de uma série de denominações meta-étnicas (em função dos pontos de compra ou embarque de escravos), enquanto outras, como o reino/nação Nagô, já operativa no contexto africano, por terem sido apropriadas e gradualmente modificadas no Brasil. Desse modo, os africanos chegados à nova terra, o Brasil, encontraram uma pluralidade de denominações de nação (uma internas e outras meta-étnicas) que lhes permitiram múltiplos processos de identificação. Aqueles africanos não habituados as denominações meta-étnicas já na própria África, uma vez que no Brasil, rapidamente as assimilaram e passaram a utilizá-las por sua operacionalidade na sociedade escravocrata, enquanto geralmente reservaram o uso das denominações étnicas vigentes nas regiões de origem para o contexto social mais restrito da comunidade negro-mestiça e/ou afro-brasileira, afrodescendente.

A formação de nações africanas no Brasil é aqui entendida especialmente como resultado de um processo dialógico e de controle cultural ocorrido entre os diversos grupos englobados entre as várias denominações meta étnicas. O resultado dessa dinâmica é que as denominações de nação adquiriram conteúdos distintos segundo as diferentes épocas e regiões do Brasil. Cabe frisar que os componentes culturais não eram necessários ou exclusivamente de origem africana, como já citada anteriormente que a formação desta mesma origem sofreu várias interferências devido à dependência dos países vizinho. Assim, vemos como os povos incluídos os povos excluídos sob uma mesma denominação de nação são definidos a partir de vários fatores intimamente relacionados, a saber: as zonas ou portos onde os escravos eram comprados e/ou embarcados, uma área geográfica relativamente comum e estável de moradia e uma semelhança de componentes linguísticos



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

culturais. Contudo foi o idioma (a possibilidade de os africanos se comunicarem e se entenderem) o que levou, no Brasil, à absorção dessas denominações como formas de auto inscrição e à crescente criação de novas comunidades ou sentimentos que pertença a coletivos.

Tomando para modelo de estudo a cultura yoruba, aqui no Brasil representado devidamente pelos candomblés Ketu, podemos dizer que o elemento central de sua vida é a religião. Em todos os problemas, “é deus quem está no controle da situação, durante nascimento, vida e morte”. A religião participa tanto da vida desses indivíduos, que se expressa por si só em vários sentidos: constitui o tema de cânticos, acha veículos em mitos e provérbios que são à base de sua filosofia de vida.

Como não havia nenhuma forma de documentos escritos no passado, tudo que foi preservado sobre suas divindades, chegou até nós por palavras faladas, que passaram de geração a geração, constituindo-se o que se costumou chamar de tradição oral. E isso remonta ao continente africano. Essas tradições são os nossos únicos meios de se saber qualquer coisa de sua teogonia e cosmogonia, o que eles pensam e no que acreditam acerca das relações entre o céu e a terra.

O corpo das tradições orais: no dos estudos afro-brasileiros, há sempre a tendência de se fazer com que uma pesquisa seja ajustada a uma teoria preconcebida. Há ainda a tendência de se supor alguma coisa como verdade sem ter sido feita uma investigação adequada. E isso diz respeito àqueles que estudam os costumes e a ciência dos povos que vivem em mundos de ideias e crenças diferentes daquele em que foram educados. O mesmo ocorre com o que se chama de “parte de dentro de um candomblé”. Para entendê-la é necessário ir a esse povo, encontra-lo, vê-lo como realmente é; entrar solidariamente em seus sentidos para saber o que pensam, e não o que imaginamos a partir de uma teoria preconcebida que esse povo deveria pensar e crer.

Dedicar atenção mais detalhada a esse corpo de tradições orais revela um



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

entendimento mais claro sobre o que se professa e suas razões. O conceito yoruba de religião forma a fundação e todo o princípio da vida desse povo. Tentou-se passar isso para seus descendentes brasileiros por meio dos homens e mulheres para cá trazidos pela escravidão. Formam os organizadores das primeiras sociedades que deram origem ao que hoje é denominado candomblé no Brasil. Embora existam ramos diferentes de uma mesma massa original yoruba no Brasil (Kètu, Nagó, Jèjé, Ijèsà, Èfòn) todos são ligados uns aos outros, como facetas de uma doutrina central. É nisso que o nosso trabalho se baseia.

Os valores Éticos e Morais da cultura yoruba: a fim de viver, o homem precisou adaptar-se ao meio e logo a experiência lhe ensinou o que poderia ser feito e o que deveria ser evitado. Um acúmulo dessas experiências resultou num forte senso do que veio a ser popularmente conhecido como “coisas certas erradas”. As normas da modalidade, à força de suas sanções, criou um sentido do “dever” que reside em cada pessoa e que é o resultado deste sistema que a sociedade criou e implanta nele enquanto o educa, exigindo-lhe um comportamento aprovado e um caráter aceitável. O que pensamos de “consciência” no homem é a noção destes hábitos residuais. A esta observação, forma-se uma questão: para que fim esses valores são preservados?

A moralidade é basicamente o fruto da religião. O conceito de DEUS para o homem tem tudo a ver com o conceito que é feito para dar normas à moralidade. DEUS fez o homem e é Ele quem implanta o certo e o errado na natureza humana. O senso de obrigação do que fazer e do que não fazer é, na verdade, a pressão de DEUS sobre cada vida humana. Uma pessoa normal sabe que não é a mesma coisa que errado. É verdade que os padrões morais variam amplamente de época para época, de lugar para lugar, entretanto, todos admitem que haja uma diferença entre o certo e o errado. Os conceitos bíblicos inseridos nos mandamentos recebidos por Moisés estruturaram, praticamente, a todas as diretrizes das religiões que fazem uso da bíblia.

Coisas proibidas: para os yorubas, e por extensão lógica para os seguidores da



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

religião afro-brasileira de etnia nagô, a moralidade, como já foi dissertado, é fruto da religião. Não há como separá-los. O que foi chamado de tabu teve sua origem no fato das coisas aprovadas ou desaprovadas por Ólurùn (Deus), a exemplo de tudo aquilo contrário à natureza.

Promessas: no sistema ético, a promessa desempenha um dos papéis mais importantes. O conjunto de relações entre uma pessoa e o seu Orisà (protetor, anjo da guarda) tem seus propósitos em promessas, como, por exemplo, o juramento feito por ocasião de uma iniciação (Ìbúra iyàwò sí Òrisà rè – prometo ao meu protetor minha iniciação). Este é um tipo de promessa que uma pessoa faz e, automaticamente, se torna uma iniciada (acompanhada pelos rituais sagrados, envolta dos segredos e mistério do oráculo yoruba) para um determinado òrisà. Esse ritual de iniciação é descrito como Glíbà èwò, que quer dizer, receber a lista das coisas que são proibidas, em consequência da natureza da divindade, observando aquilo que agrada e que promove boas relações entre a pessoa e o seu Òrisà.

Embora toda promessa tenha uma base ritualística, as obrigações, que são suas consequências éticas. Nada supera o que é ritual do ético. Por exemplo: a princípio, a substância das relações sexuais, das bebidas alcoólicas, de certos tipos de carne que são proibidas por alguns Òrisàs, etc..., Antes de tomar parte dos ritos, é destinado a livrar o iniciado da impureza ritual; com o decorrer do tempo foi adquirido uma ética moral. Em outras palavras, a abstinência passou a ter uma base moral e também espiritual.

Entre os yorubas, existem sociedades específicas ligada aos ancestrais, cuja finalidade é a da instituição e manutenção da ética moral, criada pelos fundadores desta cultura no Brasil.

A ética é a ciência da moral, que por sua vez trata dos costumes e deveres do homem. As reais origens destes valores morais provem da Divindade de Suprema, Òlorùn (Deus).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Diante de tudo que foi exposto sobre este assunto, o que deve ficar claro é que Òlorùn (Deus) exige retidão em todos os sentidos, principalmente no exercício religioso. Os representantes assíduos procuram adequar esta situação, numa compensação aparente, fazendo sacrifícios, oferendas e trabalhos espirituais diversos, é numa tentativa de esquivar-se das consequências de suas deficiências ou da violação dos valores morais.

Neste capítulo examino a liderança (participação social) e dinâmica interna dessas congregações religiosas no século XX e XXI. Além disso, no final do capítulo são apresentadas informações sobre as atividades dos terreiros que fundaram na mesma época.

É de extrema importância desenvolver algumas interpretações sobre a concepção da interculturalidade, suas instituições e mecanismos rituais, tais quais são expressos e elaborados simbolicamente pelos descendentes de populações da África Ocidental no Brasil (particularmente na Bahia), nas comunidades, grupos ou associações que se classificam a si mesmos terreiros de candomblé e que a etimologia moderna denomina yorubà. O que se entende no Brasil por Nagô, devido às pesquisas que descrevem os grupos da África, no sudeste e oeste da Nigéria, no sul e centro do Daomé, lugares onde a tradição oral indica o Brasil, como o relacionamento direto com a herança cultural africana, fornecendo dados aos brasileiros que ampliam e frequentemente esclarecem os índices de seguidores e descendência na Bahia, e as interpretações deste artigo.

Enquanto no Brasil os grupos considerados puros, isto é, que se estruturaram com o máximo de fidelidade aos elementos e aos modelos específicos de sua cultura de origem, evoluíram para uma síntese, concentrando os valores essenciais de uma tradição que correspondem à época mais florescente da cultura Yorubá no século XVIII e início do XIX, nos reinos então poderosos de Òyó e Ketù, esta mesma cultura na própria África ocidental, sofreu consideravelmente o impacto da pressão colonial. A cultura Yorubà, tal como é vivida pelos grupos tradicionais do Brasil, reencontram



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

seus elementos de origem nos grupos mais afastados das grandes cidades africanas, e nas dezenas de vilas e vilarejos ao longo da fronteira da Nigéria com o centro e o sul do Daomé, na memória de antigo-velhos sacerdotes de palácios e templos (hoje mais conhecidos como terreiros de candomblé, Ilê Òrisà, e, sobretudo, na riquíssima tradição dos textos orais preservados e receitados pelos Babaláwos (representantes de Ifá, tradutores do oráculo no qual se visualiza o destino), sacerdotes de Ifá, hoje “desaparecidos” no Brasil. São fundamentalmente os textos oculares de Ifá que esclarecem a maior parte da tradição e da liturgia Yorubá no Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É significativo atentar para o fato de, atualmente, existir um conflito entre os sistemas de crenças afro-brasileiras, que vem sendo postulado na concorrência dos bens simbólicos. Assim, pais e mães-de-santo - zeladores das divindades nos terreiros – procuram uma incessante legitimidade, referindo sempre na genealogia de seus terreiros alguma ligação com os terreiros tradicionais ou refiliações com líderes de grande reconhecimento pela sociedade exterior à religião. Os mecanismos de legitimação de alguns desses terreiros envolviam e continuam a envolver a adoção das casas que assumem papel de prestígio na hierarquia histórica, garantindo um atestado de competência e legitimidade nos conhecimentos, detentores de "fundamentos" – conhecimentos, informações cultivadas no intuito de manter a tradição –, que distanciam e os separam dos outros. A competência e o conhecimento somam-se num conjunto de estratégias articuladas pelos pais e mães-de-santo que lhes confere reconhecimento.

Tendo em vista que na atual sociedade brasileira a eficácia e a competência são os indicadores importantes para adesão dos indivíduos a uma agência religiosa, seja a um terreiro de candomblé, ou a uma igreja neo-petencostal. Os indivíduos, atualmente, apegam-se na promessa e na possibilidade de administrar o seu próprio destino, co-existindo sempre a crença de alcançar respostas significativas para os acontecimentos adversos apresentados na vida cotidiana, vendo, assim, na



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

competência explicitada, por diversos canais de divulgação, do sacerdote das religiões afro-brasileiras a possibilidade de encantar o mundo, torná-lo mágico e desse modo, compreende-lo, aceitá-lo, ajustá-lo as suas atividades ou festas.

No Brasil, em particular na Bahia, os indivíduos racionalizam suas condutas recorrendo muitas vezes a recursos religiosos e eficazes, desta maneira as religiões afro-brasileiras, promotora tanto de uma auto-identidade, quanto uma identidade comunitária, na eficácia dos métodos e o discurso da tradição produtora de legitimidade. Desta maneira, na atualidade o candomblé passou a compor ao elenco de oportunidade de enfrentamento do mundo ao mesmo tempo passando a ser mercadoria das camadas economicamente privilegiada – branca – e objeto de análise – desde o início deste século – dos antropólogos, sociólogos, historiadores e psicólogos, os ritos religiosos tornaram objetos exóticos pelos órgãos de turismo e cultura do estado da Bahia e da cidade de Salvador.

É justamente nesse cenário de busca pelo exótico, pelo encantamento do mundo, que emergem novos líderes religiosos que prenunciam em sua carreira sacerdotal a possibilidade de ascensão, tendo em vista que cada vez mais na sociedade brasileira se aceita o feiticeiro e sua magia, abrindo desta forma canais de divulgação em veículos de comunicação e espaços específicos em “shoppings”, para prestação de serviços. Com este prestígio e reconhecimento esses líderes “modernos” e “ecléticos” ingressam na competição do mercado de trabalho por deterem uma competência real ou atribuída pela agência formadora.

Portanto, o novo contexto dos candomblés baianos, não é apenas o ideário normativo da tradição do modelo jêjé-nagô que assegura a legitimidade dos terreiros, o que esta em jogo é a competência no campo religioso do pai e mãe-de-santo frente às expectativas coletivas que almejam encantar as suas vidas.

Nesse hipermercado, ou melhor, nesse mosaico de bens religiosos são inúmeros os pais e mães-de-santo apontados pelo povo-de-santo – seguidores e colaboradores da



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

religião – baiano, como grandes provedores de "axé", pelas suas competências explicitadas na eficiência dos serviços prestados pelas suas divindades.

Pode-se examinar por quais caminhos expande-se a influência de vários grupos praticantes da religião afro-brasileira: os inúmeros e variados sites e home-pages dos terreiros de candomblé na internet apontam para a convivência entre modernidade e tradição. Ao mesmo tempo em que grupos significativos de candomblé no Brasil buscam afirmar sua tradição - origens culturais e raízes "autênticas" – estas entendidas enquanto africanidade – procuram também afirmar sua modernidade situando-se no cyberspaço, em vez de buscar afirmação fechando-se sobre si mesmo. Esta nova lógica resulta num esforço de convivência, que alia modernidade e tradição e aponta para uma atuação aberta ao intercâmbio com a sociedade como um todo, ao mesmo tempo em que potencializa a informatização e a comunicação eletrônica como um canal de diálogo, democratização do conhecimento e construção de processos de incorporação cultural.

A rapidez e conseqüente fluidez de acontecimentos e transformações em todas as áreas do conhecimento ocupam o nível "macro" da sociedade, mas resiste, em nível micro social à vontade e a ação de grupos humanos no sentido de manter e/ou redefinir suas tradições sem abdicar totalmente delas. A convivência entre tradição e modernidade é um desafio para a época atual. Ao contrário, estes grupos parecem sentir a necessidade de expandir sua influência e assim, resistir à massificação globalizada. Esta redefinição e/ou luta pela manutenção das tradições culturais vê-se defronte a novas necessidades e demandas criadas pela modernidade e transmitidas pelas novas tecnologias, rapidamente popularizadas pelo mercado.

Embora freqüentemente estes grupos culturais polarizem-se na dualidade "aderir" ou "rejeitar" as mudanças tecnológicas, uma parcela significativa acaba optando pelo caminho da incorporação, qual seja aproveitamento dos elementos facilitadores que as tecnologias carregam sem perder de vista a tradição.

A tecnologia pode ser utilizada a favor de outra concepção de globalização. Esta



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

concepção pode ser o avesso da hegemônica - que pressupõe o reinado do mercado do consumo de bens e a massificação da informação e da comunicação - e repropor o contato interplanetário para a democratização cultural, política.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita de Cássia & SILVA, Vagner Gonçalves da. 1993 "A cor do axé. Brancos e negros no candomblé de São Paulo".

BARCELAR, Jéferson e CAROSO, Carlos. QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS VERSUS TERCEIRO MILÊNIO (p. 143-164). BARCELAR, Jéferson e CAROSO, Carlos. Brasil, um país de negros? / Jéferson Barcelar e Carlos Caroso (org.) – Rio de Janeiro: Pallas; Salvador – BA: CEOA, 1999.

BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia. São Paulo: Ed. Nacional. 1978

BRAGA, Júlio. Fuxico de Candomblé: Estudos Afro-Brasileiros. Feira de Santana: UEFS 1998/ Oritamejí: O antropólogo na encruzilhada. Feira de Santana: UEFS 2000.

CARNEIRO, Edson. Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978/ Religiões Negras, Negros Bantos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

CAROSO, Carlos & BACELAR, Jeferson (orgs) "Em torno de um manifesto de ialorixás baianas contra o sincretismo". In: Faces da Tradição afro-brasileira, Rio de Janeiro. Pallas, 1995.

CARTA MANUSCRITA arquivada na Biblioteca do Estado de Pernambuco, transcrita em nota de rodapé, por Robert C. Smith, "Décadas do Rosário dos Pretos. Documentos da Irmandade", Arquivos, Prefeitura Municipal de Recife – 1º e 2º números – 1945-1951. Diretoria de Documentação e Cultura.

ELBEIN DOS SANTOS, Juana. Os Nagô e a Morte. Petrópolis, 12º Ed.Vozes, 2003.

LEITE, Fábio. "Tradições e Práticas Religiosas Negro-Africanas na Religião de São Paulo".In: Culturas Africanas. Documentos da reunião de peritos sobre as Sobrevivência das Tradições religiosas africanas nas Caraíbas e na América Latina". São Luís do Maranhão. Junho de 1985. São Luís, UNESCO.

LIMA, Fábio. Que Diabo é Exu? Monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais.

UFBA. (mineo) 1999/ 1981 "Os Obás de Xangô". In: MOURA, Carlos EM. de (org.).Olòrísá.São Paulo, Ágora. 1999 Liderança e sucessão, coerência e norma no



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

grupo de candomblé. In: Moura.

C. E. M. de (org.). Leopardo dos Olhos de Fogo: Escritos sobre a religião dos orixás. VI. São Paulo. Ateliê Editorial.

MARTINS, Cléo. Ewa: senhora das possibilidades, Rio de Janeiro: Pallas, 2001. & MARINHO, Roberval. Irokó: o orixá da árvore e a árvore orixá, Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. São Paulo, Global Editora, 2003.

MINTZ e PRICE, Sidney e Richard. O Nascimento da Cultura Afro-Americana: uma Perspectiva Antropológica. Rio de Janeiro, Pallas Editora e Universidade Candido Mendes, 2003

PANTOJA, Selma. ÁFRICA: REALIDADE E PERSPECTIVAS (p. 91-98). PANTOJA, Selma. Entre Áfricas e Brasis/ Selma Pantoja (org.) *el alli* – Brasília: Paralelo 15 – São Paulo, Março Zero, 2001.

PARÉS, Luis Nicolau. A Formação do Candomblé – História e Ritual da Nação Jeje na Bahia. Campinhas, Editora Unicamp, 2003.

PEREIRA, Edmilson de Almeida e WHITE, Steven. BRASIL: PANORAMA DE INTERAÇÕES E CONFLITOS NUMA SOCIEDADE MULTICULTURAL (p. 257-280).

PEREIRA, Edmilson de Almeida e WHITE, Steven F. Centro de Estudos AFRO-ORIENTAIS (nº 25-26) – FFCH – 2001.

PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia. São Paulo, Editora Brasiliense, 2006.

PRANDI, Reginaldo. Herdeiras do Axé: Sociologia das Religiões Afros-Brasileiras. São Paulo,

HUCITEC/EDUSP, 1996/ & PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo, HUCITEC, 1996.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O Dono da Terra. O Caboclo nos Candomblés da Bahia. Salvador, Sarahletras, 1995.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

TAVARES, Odorico. Bahia; imagens da terra e do povo. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1951

VIANA, Hildegardes. A Bahia já foi assim – crônicas de costumes. 2ª ed. Brasília, Ed. GRD, 1979

VERGER, Pierre. Orixás. São Paulo, Corrupio, 1981.

YEMOJA, Mãe Beata. Carçoço de dendê: a sabedoria dos terreiros, Rio de Janeiro. Pallas, 1997.

Disponível em: <[CEAO - Centro de Estudos Afro Orientais](#) CEAO discute Universidade Nova e as Ações Afirmativas. Terça-feira, 20/03,... Tel (0xx71) 3322-6742 / Fax (0xx71) 3322-8070 - E-mail: ceao@ufba.br - www.ceao.ufba.br/eventos.htm>

Disponível em: <[Imagem: Flag of Nigeria. svg - Wikipédia](#) [Imagem:Flag of Nigeria.svg - Wikipédia](#) {{insignia}} {{PD-self}} Category:Flags of Nigeria Category:SVG flags ...

Lista de países por código do COI · Salvador (Bahia) · Economia da Nigéria...
pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Flag_of_Nigeria.svg - 56k>

Disponível em: <[Portal Mundo Acadêmico - Inclusão Educacional e Tecnologias Digitais](#) Representante do Candomblé e Grupo Gay da Bahia se unem contra... da Bahia e o Grupo Disponível em: <Quimbanda Dudu protestaram em frente a Casa da Nigéria de Salvador, ...
...mundoacademico.unb.br/conteudos/?cod=1189880519170274111214170418 - 39k>